



CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico

PUCPRESS

As Percepções, Em Moçambique, Sobre O Tráfico De Albinos E Calvos Nas Vertentes Cultural, Económica E Mágico-Religiosa

Perceptions, In Mozambique, About The Trafficking Of Albines And Hairstyles In The Cultural, Economic And Magic-Religious Aspects

Rui Mulieca Migano¹.

Como citar: MIGANO, Rui Mulieca As Percepções, Em Moçambique, Sobre O Tráfico De Albinos E Calvos Nas Vertentes Cultural, Económica E Mágico-Religiosa *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 7, n. 1, p. 47-59, jan./jun., 2022.

Resumo

Em Moçambique, o fenómeno do tráfico humano de pessoas albinas e calvas para fins de extracção e uso de órgãos tem sido lido e explicado sob três pontos de vista: cultural, económica e mágico-religiosa. Dado que cada sociedade tem sua cultura que se manifesta nos hábitos, usos e costumes, Moçambique não será diferente ler e interpretar os fenómenos que ocorrem no seio meio, sem recorrer as vertentes cultural, económica e mágico-religiosa, se tivermos em conta que, o seu Povo tem uma história ligada ao tráfico humano cujas finalidades eram as trocas comerciais e uso de partes humanas em poções mágicas e religiosas. Portanto, a vertente cultural do tráfico de pessoas portadoras de albinismo e calvície vem manifestar que o albino é um ser diferente da maior parte das pessoas que constituem a sociedade e, tanto no passado como hoje, o albino tem sido considerado um ser humano que atrai mau agouro para a família e que a sua morte tida por misteriosa, chegando a ser considerado como um ser que não morre mas sim, que

¹ ruimulieca01@gmail.com



Artigo Científico

desaparece. Hoje, esse ser humano que atrai azar para os que lhe são mais próximos, é, ao mesmo tempo, um ser apetecível para trazer riqueza para a família e/ou seus traficantes. Quanto ao homem portador de calvície, a cultura africana em geral e moçambicana, em particular, considerou-o sempre como possuidor de sabedoria, isto é, uma pessoa sábia, dotada de valores éticos e humanos, a quem se devia recorrer para ajudar a resolver um enigma, um problema pessoal ou familiar. O homem portador de calvície, foi sempre considerado como um homem capaz de liderar com equidade, aplicando a justiça e o direito. Mas hoje essas qualidades que caracterizavam aos portadores de calvície, já não são relevantes, considerando-se a cabeça do homem calvo como possuidora de mercúrio, uma substância que dá riqueza. No que se refere à vertente económica, tanto o albino como o calvo são hodiernamente considerados mercadoria (produto por comercializar), como objectos de relações de compra e venda (mercantilização), sendo que seus órgãos são quantificáveis a preços altíssimos e enriquece os seus usuários. As diferenças existentes nesses seres humanos constituem oportunidades de negócio e, consequentemente, ocasião de riqueza e alívio da situação da pobreza. Existe o mito que, vendendo órgãos de pessoas albinas e calvas, pode-se melhorar a vida económica decadente do indivíduo e/ou da família, sendo o dinheiro, o elemento central. Daqui surgem os maus conselheiros e os falsos modelos. Na vertente mágico-religiosa, há crenças que atribuem aos albinos e calvos poderes mágicos e é seguindo e observando os ditames emanados por essas crenças, que a pessoa ou o traficante pode organizar e melhorar a sua vida e lutar contra as forças contrárias que trazem azar, doenças e outros infortúnios para a família. Neste aspecto, o curandeiro e o charlatão constituem as figuras centrais para a preparação dos medicamentos a partir de partes ou órgãos de albinos e calvos e ditam os critérios e requisitos para a sua boa administração, assim como os benefícios que dele podem resultar. Deste modo, quem se junta a essas práticas, cultiva uma espécie de fé e crença numa espécie de divindades que dão respostas aos pedidos dos seus usuários a partir do sacrifício de pessoas albinas e calvas. Todavia, importa fazer reparo que a dimensão religiosa é caracterizada por rituais satânicos que podem desvirtuar a essência do fenómeno religioso habitualmente conhecido.

Palavras-chave: Tráfico, Albinos, Calvos, Cultura, Economia, Religião.

Abstract

In Mozambique, the phenomenon of human trafficking in albinos and bald people for the purpose of organ harvesting and use has been read and explained from three points of view: cultural, economic and magical-religious. Knowing that each society has its culture that is manifested in habits, uses and customs, Mozambique will be no different to read and interpret the phenomena that occur in the midst, without resorting to cultural, economic and magical-religious aspects, if we take into account that, its people have a history linked to human trafficking whose purposes were trade and the use of human parts in magic and religious potions. Therefore, the cultural aspect of trafficking in people with albinism and baldness shows that the albino is a different being from most of the people who constitute society and, both in the past and today, the albino has been considered a human being that attracts a bad omen for the family and that his death was considered mysterious, coming to be considered as a being that does not die but that disappears. Today, this human being who attracts bad luck to those closest to him is, at the same time, a desirable being to bring wealth to the family and / or its traffickers. As for the man with baldness, African culture in general and Mozambican, in particular, has always considered him as possessing wisdom, that is, a wise person, endowed with ethical and human values, whom he should turn to help resolve an enigma, a personal or family problem. The man with baldness was always considered as a man capable of leading with equity, applying justice and law. But today these qualities that characterized bald people are no longer relevant, considering the bald man's head as having mercury, a substance that gives wealth. With regard to the economic aspect, both the albino and the bald are nowadays considered merchandise (product to be traded), as objects of purchase and sale relations (commodification), and their organs are quantifiable at very high prices and enriches its users. . The differences existing in these human beings constitute business opportunities and, consequently, an opportunity for wealth and relief from the poverty situation. There is a myth that, by selling organs of albino and bald people, one can improve the decadent economic life of the individual and / or the family, with money being the central element. This is where bad advisers and false models arise. In the magical-religious aspect, there are beliefs that attribute to albinos and bald magical powers and it is following and observing the dictates emanating from these beliefs, that the person or the dealer can organize and improve his life and fight against the opposite forces that bring bad luck , illnesses and other misfortunes for the family. In this respect, the healer and the



Artigo Científico

charlatan are the central figures for the preparation of medicines from albino and bald parts or organs and dictate the criteria and requirements for their good administration, as well as the benefits that can result from it. In this way, those who join these practices, cultivate a kind of faith and belief in a kind of deities that respond to the requests of their users through the sacrifice of albino and bald people. However, it is important to note that the religious dimension is characterized by satanic rituals that can distort the essence of the commonly known religious phenomenon.

Keywords: Trafficking, Albines, Bald, Culture, Economy, Religion

Introdução

Pretender fazer uma percepção sobre um determinado fenómeno em diversas vertentes, significa estar interessado em trazer à tona a essência do próprio fenómeno em estudo e ajuda no seu melhor aprofundamento, como é o caso das motivações do tráfico de seres humanos com albinismo e/ou calvície.

O presente artigo pretende fazer o estudo sobre o tráfico de albinos e calvos nas vertentes cultural, económica e mágico-religiosa, constituindo deste modo, uma novidade e uma contribuição no campo da pesquisa, se tivermos em conta que, muitos estudos até agora apresentados, apenas se focalizaram na defesa dos direitos humanos das pessoas com albinismo, ao passo que este, além de pretender defender os direitos humanos das pessoas afectadas, apresenta igualmente aquilo que motiva os autores da prática do crime do tráfico humano, especificamente de albinos e calvos.

A análise do fenómeno em realce, é feita a partir de um prisma global (africano) e local (moçambicano), pretendendo-se saber as suas diversas motivações, de modo a se chegar à uma compreensão geral do fenómeno, tendo como escopo, encontrar-se mais séria, corajosa e convincente, de modo a se estancar a ocorrência do tráfico de pessoas albinas e calvas no nosso meio e além-fronteira.

O artigo enquadra-se na área da Ética e Direitos Humanos, em que, num olhar concomitante, pretender-se-ão analisar as implicações culturais, económicas e religiosas do tráfico de pessoas albinas e calvas.

A cultura moçambicana em particular e africana em geral, tem certos modos de tratar as pessoas com base no seu aspecto físico/exterior e/ou na posição que o indivíduo ocupa na sociedade, fazendo com que, alguns se descubram e se posicionem como superiores e/ou inferiores, em relação aos outros e de acordo com as circunstâncias. Neste contexto, os predadores dos albinos e calvos e seus mandantes, consideram-se superiores e merecedores de vida e bem-estar em relação às suas presas.

Hoje, ser albino ou ser um parente de um albino, tem sido motivo de muita preocupação tanto para os afectados quanto para a família que, para além de reconhecerem a sua fragilidade face à falta de meios para combater a queimadura do sol, estão igualmente preocupados com a existência de seres humanos que vêem as anomalias existentes nos outros seres humanos, oportunidades para enriquecimento rápido e supersticiosas e procuram pela sua defesa e protecção. No âmbito da cultura, a maneira de conceber determinadas realidades, pode induzir aos membros à prática de actos considerados repugnantes e insustentáveis para uma sociedade que preza ser sadia, promotora da ética e dos direitos humanos.



Artigo Científico

Na verdade, a ideia de que, as diferenças existentes em albinos e/ou calvos são oportunidades para enriquecimento dos seus traficantes e/ou seus mandantes, tem sido propulsora para a existência e a continuidade da ocorrência do fenómeno do rapto, tráfico e extracção de órgãos humanos.

O objectivo do presente estudo é de fornecer as interpretações que se fazem no seio das populações quando chegam informações referentes ao tráfico de albinos e calvos e como esses seres humanos têm sido considerados ao longo da história da humanidade.

A metodologia usada consistiu numa consulta bibliográfica resultante da leitura de autores que já trataram do assunto, assim como das informações obtidas diariamente sobre a ocorrência do fenómeno e a necessidade de promover a ética e os direitos humanos. O seu enfoque é qualitativo.

A realidade de Moçambique

Moçambique é um País caracterizado por muitas diversidades e contrastes, o que se manifesta em fenómenos como o analfabetismo e o baixo acesso à informação e formação da cidadania em matéria de ética, de direito e dos bons costumes. E uma das causas que impele ao tráfico de pessoas é o analfabetismo, que concorre para a falta de acesso à informação sobre a realidade dos seres humanos que, aos nossos olhos, apresentam características físicas diferentes. A segunda, e quem tem sido motivo de justificação para a prática de tais actos é a pobreza extrema que precipita jovens e adultos a enveredarem pelo caminho do tráfico de seres humanos.

As pesquisas anteriormente realizadas, reconhecem que, muitos jovens e adolescentes são encontrados nos postos fronteiriços, sem documentação, a tentarem atravessar ilegalmente a fronteira, para entrarem em países vizinhos, assim como para circularem dentro do País, nas viagens inter-provinciais. Seja como for, os casos comumente conhecidos estão ligados à imigração ilegal e, tendo em conta os altos índices de analfabetismo no País, levanta-se a dúvida sobre os potenciais casos associados ao tráfico humano que escapam ao controle das autoridades nacionais. Dado que o analfabetismo é generalizado nas zonas rurais e, em parte, nas zonas urbanas, constitui um factor propulsor para a sedução e recrutamento de crianças, adolescentes e jovens pelos autores do tráfico de pessoas para a África do Sul e outros países afins.

Na região sul de Moçambique, muitos jovens cresceram num ambiente em que seus pais ganhavam a vida na África do Sul e, de modo geral, entram naquele país ilegalmente, numa expressão local designada por kufohle, constituindo uma prova inequívoca de afirmação de masculinidade entre os jovens. Num passado recente, a viagem para a África do Sul, pela parte das mulheres, tem estado associada ao fenómeno localmente conhecido como mukheroque também constitui busca por melhores condições de Vida.

No que se refere à personalidade do albino na cultura, a ideia que ressalta é a de que culturalmente o albino e o calvo são seres estranhos. Nascer albino numa família é sinal de mau agouro (mau sinal para o casal e/ou a família em geral). No passado, bebés albinos não eram deixados viver, pelo que eram dados por desaparecidos ou “regressados” para onde vieram e as mães deviam passar por um rito de purificação para poderem regressar à casa e evitar um futuro infortúnio. Outra ideia que permaneceu na cultura é a de que o albino não morre só desaparece, facto que algumas pessoas hoje, ficam contrariadas quando recebem uma notícia da morte de um albino e subsequente funeral e enterro. No passado, como se disse anteriormente, a família que não tivesse a coragem de eliminar um bebé recém-nascido, albino, procurava uma oportunidade para o “apartar” da família para não ser motivo de maldição, considerando-se por desaparecido.

Hoje, o olhar e a concepção cultural sobre a pessoa albina, mudou. Passou de um ser que trazia azar e todo o mal, fruto de alguma maldição, para um ser mais procurado e apetecível, sob o pretexto de que é



Artigo Científico

constituído de substâncias que “purificam” e dão sorte para o enriquecimento económico e financeiro, assim como para o prestígio social e ocupar lugares cimeiros na sociedade; outra ideia que se associa à “nova imagem” que se atribui ao albino é a de que, manter relações sexuais com mulheres albinas pode curar a sida; a outra ideia, advoga que, o sangue de um albino “purifica” e torna a pessoa “imaculada” de qualquer mancha lançada por feiticeiros e invejosos.

No que se refere à pessoa portadora de calvício, esta tem uma sorte diferente à do albino. Isto é, não existem evidências passadas em que, culturalmente, se viu um homem careca como um problema ou como uma ameaça à vida familiar e social, mas sim, como um homem sábio, com olhar penetrante, capaz de governar com sabedoria pois, culturalmente, o homem portador de calvício, foi sempre visto como detentor de um grande dom que a maioria raramente poderia possuir: a SABEDORIA. Por isso, era a pessoa a quem se recorria para ser consultada sobre um determinado problema que apresentasse a família ou os membros de uma determinada tribo. Não se devia desmentir a ideia ou a opinião de um homem careca. Daí o respeito e a consideração para com os homens calvos.

Como se pode depreender, culturalmente, o homem careca era tido como o tipo ideal para a governação e liderança, factor que faz com que a representação de uma pessoa adulta e conselheira seja sempre apresentada na gravura com barbas brancas e careca, sinais de maturidade e sageza. Culturalmente, era entendido que a sabedoria era conquistada ao longo do crescimento do homem e é nesses momentos em que vai perdendo os cabelos da cabeça como fruto de muito pensar e resolver os problemas sociais de seus membros. Por exemplo, na Igreja medieval, os religiosos faziam a tonsura na cabeça (espécie de uma careca para manifestar a sabedoria que é um dos dons do Espírito Santo que ilumina a mente com capacidade de aplicar a justiça e o direito, a exemplo do Rei Salomão).

Actualmente, a antiga visão que se tinha do homem calvo, apesar de ainda manter a ideia de ser útil para a sociedade como homem rico de sabedoria, perdeu a perspectiva. Hoje, o homem portador de calvício é considerado possuidor de uma substância que os praticantes do tráfico de pessoas calvas consideram de mercúrio, uma substância que comercializado, dá rendimentos económicos.

Concatenando suas teorias à essas percepções que se fazem à albinos e pessoas com calvício, Mariano (2016, p.32) apud Meneses (2008, p.169), aponta os líderes políticos de serem amplamente referenciados por recorrerem à feitiçaria ou práticas supersticiosas para assegurarem poder e sucesso. A inquietação que se coloca é que, se para assegurar poder e sucesso, precisa-se de práticas supersticiosas que usem albinos e calvos como amuletos para tais pretensões, então tal político encontrar-se-á desprovido dos princípios básicos da ética e da moral e infringiria categoricamente a Lei e o Direito. E, o perigo está no facto de que, sempre que sentir o seu poder ameaçado, terá que sacrificar mais albinos e calvos, o que socialmente, torna-se num homem perigoso e delinquente.

Fellows (2011), co-autor do estudo feito pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, sobre o tráfico de partes do corpo em Moçambique e na África do Sul, considera que, na base deste fenómeno de tráfico humano, está uma forte crença em que partes do corpo humano magicamente tratados podem resolver problemas sociais e tornar os medicamentos tradicionais mais fortes e eficazes.

O fenómeno do tráfico humano, mais especificamente, de órgãos ou partes de albinos, chama ao silêncio e secretismo para todos quanto o praticam, assim como para com aqueles com quem se deparam com a realidade, pois, as pessoas ficam com medo de apontar essa triste realidade por temer represálias, perseguições aos denunciantes ou seus familiares, assim como incorrer o risco de ser vítima de feitiçaria.



Artigo Científico

No pensamento de Mariano (2016, p.29), a nível internacional, “o tráfico de órgãos é hoje uma realidade em quase todo o mundo, tendo aumentado o número de indivíduos envolvidos no negócio ilícito de tráfico de órgãos humanos para fins de transplante”. Como se pode perceber, a razão comumente conhecida em todo o globo é a de que os órgãos humanos traficados, têm por finalidade, sua aplicação no campo cirúrgico com intenção de salvar uma vida que esteja em risco mas não para eliminar fisicamente o “doador”, embora isso possa acontecer no silêncio.

É por essa razão que, a antropóloga Nancy Scheper-Huges (2004) se empenhou no estudo sobre o tráfico ilícito de órgãos humanos, circuitos que envolvem compradores, vendedores, mediadores e cirurgiões de diferentes partes do mundo. Para ela, a Índia é a nível mundial, o local privilegiado para a troca doméstica e internacional de rins comprados a doadores vivos. Alguns residentes das favelas do Recife, no Brasil, são levados à África do Sul, onde são submetidos a cirurgias para remover rins ou outros órgãos para serem transplantados em pacientes vindos de Israel.

Aqui se percebe que, é por razões de interacção social entre os povos que, vários hábitos, usos e costumes sociais, se transmitem de forma despercebida. Pior, quando se passa para uma sociedade consumista e utilitarista como se caracteriza a sociedade actual, onde a conduta a partir de princípios éticos e morais é suplantada pela conduta do lucro, ganho fácil e prestígio social, mesmo que isso custe a própria vida ou a vida de outrem.

Motivações económicas do tráfico de albinos e calvos

Os factores económicos têm sido apontados com mais frequência, como os motivadores para o tráfico de pessoas e, em quase maior parte das pesquisas com que se teve acesso, defenderam a tese de que, o tráfico de seres humanos tem por motivação, o lucro. Na verdade, pode-se perceber que, todas as práticas supersticiosas que o homem leva a cabo, pretende assegurar não só a própria vida mas especialmente para organizar a sua vida económica, de modo a tomar uma posição económica privilegiada na sociedade, visto que a pobreza e a exclusão social são correlativos. Para o Banco Mundial (1995), a pobreza é uma condição caracterizada por uma severa privação das necessidades humanas básicas, incluindo alimentação, água potável, saneamento, saúde, habitação, educação e informação. Ela depende não somente da renda, mas também do acesso aos serviços. E, muitos moçambicanos colocam-se na linha da frente do fenómeno do tráfico é porque se revêem no conteúdo da definição avançada pelo Banco Mundial pois, a vida tem sido bastante dura e penosa e recorrem à essas práticas repugnantes, para verem se têm o básico para viver.

Outro factor que se chama à colação é a questão da desigualdade entre o campo e a cidade, também entre a zona Centro/Norte com a zona Sul de Moçambique, situação que impulsiona o êxodo rural e inter-provincial, com as populações do campo e das províncias fora de Maputo a pretendem buscar melhores condições de vida nas zonas urbanas, principalmente na cidade capital de Maputo, onde se presume haver todo o tipo de condições para melhoria da própria vida. Chegados a esses lugares considerados “El Dourado” e não encontrando oportunidades para singrar na vida, muitos moçambicanos colocam-se em situação de vulnerabilidade de serem postos a cometer crimes em prol dos mandantes que muitas vezes não chegam a ser conhecidos.

As motivações económicas tornam o homem incapaz de pensar o bem para o outro, apenas considera-o objecto de relações comerciais com o intuito de obter o lucro. É nesta senda que, desde o início dos anos 90, houve rumores de assassinatos de crianças e tráfico de suas cabeças do Zimbabwe para a África do Sul, que



Artigo Científico

alarmaram a população da região Austral. Este acto de sacrifício de crianças servia como explicação para enriquecimento repentino das pessoas (WHITE, p. 1997).

Como se pode depreender, o fenómeno do tráfico de órgãos e partes do corpo não é práxis apenas de Moçambique e países vizinhos da região Austral, decorre, igualmente, noutras países africanos como Burundi, África Equatorial, Tanzânia, etc. Há pouco tempo, o recrudescimento da perseguição aos albinos na Tanzânia e noutras países vizinhos, tomaram proporções alarmantes pois, partes do corpo de albinos são traficadas com o propósito de possuir substâncias que podem fazer enriquecer e atrair sorte. O conteúdo do Jornal Notícias, do dia 16 de Setembro de 2015, que citava os dados das Nações Unidas, refere que, desde o ano de 2000, já tinham sido assassinados aproximadamente 76 albinos na Tanzânia, e que no mesmo ano, os casos de assassinato de albinos em Moçambique estavam a ganhar contornos bastante preocupantes, principalmente, nas províncias de Nampula e Zambézia. Deste modo, o mercado de órgãos e partes do corpo humano passou a constituir uma forma de mercantilização ou de relações de compra e venda da vida humana, associada à proliferação do que Comaroff e Comaroff 1999, pp. 281-283, chamou por “economias ocultas”.

Como resultado desta e doutras pesquisas anteriormente feitas, importa sublinhar que, as razões que contribuem para o fenómeno do tráfico e morte de pessoas albinas e calvas não são apenas a pobreza ou privação material dos recursos de que o País dispõe, como aduzem a maioria dos analistas, mas como resultado da interligação do seguinte:a percepção de que, grandes riquezas são possuídas apenas por um pequeno grupo de pessoas (riquezas inimagináveis e reunidas de modo muito rápido e menos criterioso), frequentemente associada à utilização de mecanismos misteriosos e/ou mágicos; e um sentido de desespero perante a exclusão económica (COMAROFF e COMAROFF, 1999, p. 284).

Maior parte das informações colhidas, referentes ao fenómeno, indicam que, para além de ser ligado à feitiçaria, notou-se que existe uma porta para a compreensão da complexidade do fenómeno num ambiente sócio-económico assimétrico, como as “pressões da monetarização económica “e a desarticulação social das comunidades”, que caracteriza a realidade de Moçambique. Importa sublinhar que as muitas e frequentes acusações de feitiçaria ocorrem em tempos de crise económica, de degradação social e escassez de oportunidades para ascensão social e económica. Ligado à tal premissa, podem-se aferir que, a problemática do tráfico de albinos e homens calvos em Moçambique acelerou aquando do descobrimento das dívidas ocultas e consequente subida do custo de vida, o que acarretou a um modo de sobrevivência e do fenómeno do “salva-se quem poder”. Com esta situação, acentua-se não só o tráfico e venda de albinos, calvos e exumação de ossadas humanas, mas também a corrupção acelerou galopantemente em todos os sectores da sociedade, ao ponto de, o Professor Severino Ngoenha, numa das entrevistas no canal televisivo da Stv, apelidou por “changuinismo”, uma vez que a cara visível da matéria da corrupção de avultadas somas de dinheiro que puseram Moçambique numa recessão económica é o senhor Manuel Chang, antigo Ministro da Economia e Finanças, detido na África do Sul, acusado de ser um dos mentores da contracção da chamada dívida oculta, sem o aval da Assembleia da República, como é previsto pela Constituição da República, a Lex Fundamentalis.

Associado à situação da carestia da vida que impele a situações de pobreza, merece destacar o caso da exclusão social e económica, desigualdades sociais e de oportunidades. Quer isso dizer que, é notório em Moçambique, a obtenção e a permanência das oportunidades de riqueza nas mãos de uma minoria, em detrimento da maioria excluída e empurrada cada vez mais à pobreza extrema e da incapacidade económica e monetária. Trata-se de um cenário que mexe, igualmente, com a dimensão político-partidária, onde alguns são os que detêm e estão em frente da economia e as oportunidades de enriquecimento e a maioria é excluída das oportunidades e só é lembrado e considerado útil em tempos de campanha eleitoral. Hoje, nenhum político,



Artigo Científico

nenhum partido reconhece que a maioria da população está a passar fome e pobreza mas, em tempos de campanha eleitoral, todos partidos, inclusive os que se extinguem em período pós-eleitoral, defenderão o Povo nas suas diversas dificuldades.

Porém, importa sublinhar que, o pensamento acima exposto, pode ferir quando se pretender generalizar, pois, maior parte dos membros do Partido no poder, está misturado com a maioria da população com outras designações políticas e/ou apartidárias, vivendo na penúria, sem oportunidades muito menos esperança de se enriquecer como faz a minoria detentora do poderio económico e de oportunidades. Deste modo, os grupos mais vulneráveis ficam também expostos à outras crises políticas e humanitárias que os empurram ao êxodo rural e às chamadas “economias ocultas”.

Entretanto, as motivações para a prática do tráfico de seres humanos não devem se cingir nos motivos da carestia da vida; importa realçar que, actualmente, o fenómeno do tráfico humano tem um impacto económico rentável comparável ao tráfico de armas e droga, conhecidos como grandes negócios que movimentam muito dinheiro em todo o mundo. Segundo dados da ONU, o tráfico de seres humanos em geral, arrecada cerca de 24 milhões de euros, correspondentes a 1.689 biliões de meticais e o número de vítimas sobe para mais de 24 milhões de pessoas por ano.

No que se refere aos actores do tráfico humano para questões económicas e outras finalidades, encontram-se os curandeiros (os designados por médicos tradicionais) os incitadores para a comercialização de partes do corpo e órgãos humanos em geral, de albinos e calvos em particular e gastam aproximadamente cerca de 2,5 milhões de meticais pelo pagamento. Eles chegam a gastar cerca de 75 mil dólares americanos por órgão de uma pessoa albina (MOÇAMBIQUE, MÉDIA ONLINE, 2016).

Na senda dos traficantes e comerciantes de órgãos de albinos e calvos não estão apenas actores estranhos, encontram-se também pais, encarregados de educação e outros parentes afins de crianças albinas, que, conformados com a exclusão económica e com a ideia de que com albino se logra lucros fabulosos, são aliados a entregar seus filhos e parentes em troca de valores monetários.

A título de exemplo, para além de casos passados que envolveram pais e outros parentes na venda dos seus filhos, existem casos recentes em que, no dia 16 de Março de 2020, o Jornal Notícias se referiu de uma mulher de 31 anos, foi detida quando aguardava por um “comprador”, com quem tinha negociado a venda do seu primogénito, de 13 anos, por dois milhões de meticais a um empresário zimbabweano. O outro caso similar também ocorrido na mesma província central de Manica é o de um casal que foi flagrado pelos agentes do SERNIC a entregar o seu filho albino de meses por um milhão que segundo as autoridades, envivia também um comprador zimbabweano. Esses dois exemplos, constituem um gesto de amostragem se se tiver em conta muitos outros casos recentes e anteriores não revelados, em que pessoas próximas ou pais negoceiam e vendem a prole, tornando-a objecto de relações de compra e venda e passíveis a preços com o intuito de angariar dinheiro para colmatar os problemas económicos.

Na zona Centro e Norte de Moçambique, a ideia de que a ossada de albinos e carecas traz riqueza, tem sido a causa da perseguição, morte, extração e tráfico de seus órgãos, resultando na profanação de campas e consequente vandalização de campas para exumação de corpos e/ou ossadas de pessoas. Com essa situação, os albinos e os homens com carecas sentem-se inseguros e excluídos da sociedade porque sabem que muitos dos seus predadores os consideram de “bolada”².

²Afirmiação de um albino, numa das entrevistas sobre a sua situação de vulnerabilidade. Portanto, “bolada”, na gíria popular moçambicana, significa um negócio feito no mercado negro, fora do conhecimento das autoridades e não suscetível às obrigações fiscais. Ou por outra, trata-se de um negócio ilegal e fruto de contrabando.



Artigo Científico

Mariano (20016, p.11), aponta as desigualdades, as diferenças entre a extrema riqueza e a pobreza absoluta, como factores propulsores do tráfico de órgãos. Para ele, predomina o recurso à magia e a utilização de órgãos humanos como meio de obter e/ou incrementar benefícios materiais. A feitiçaria parece constituir uma força niveladora das tensões sociais, derivantes das disparidades entre ricos e pobres, o que chamou atenção para um problema social e económico mais profundo.

Para este tipo de negócio desumano e atentatório ao valor da vida e que preocupa a sociedade contemporânea, Bernault (2006) considera que “a equação entre corpo humano, dinheiro e poder, remonta à séculos passados” e pode ter a sua aceleração nos tempos que correm. E, a vulnerabilidade ao tráfico por parte das pessoas, fundamentalmente, os jovens e crianças que vivem no seu quotidiano a exclusão social e económica está cada vez mais acentuada.

Do ponto de vista internacional, onde o tráfico de órgãos é para efeitos terapêuticos, Moniruzzaman (2012) apud Mariano (2016, p.29), refere-se ao “mercado do corpo”, em Bangladesh, particularmente, a como as pessoas em situação de vulnerabilidade económica são levadas a vender os seus rins. Segundo ele, estes estudos associam o aumento do “turismo médico” aos diferentes níveis de desenvolvimento e padrões de desigualdade a nível mundial. Isto quer dizer que, o tráfico de órgãos para fins cirúrgicos está incorporado num sistema maior de troca e extração através das diferenças de riqueza. Através do eufemismo de “doar” o próprio órgão para salvar vida, muitas pessoas carenciadas vendem os seus órgãos para obterem dinheiro, esquecendo-se que os seus benefícios económicos não duram muito tempo pois, pouco tempo depois, essas pessoas ficam com a sua saúde deteriorada e dificilmente podem fazer trabalhos que exigem aplicação de muitas forças.

Motivações mágico-religiosas do tráfico de albinos e calvos

As práticas mágico-religiosas têm vindo a dominar o dia-a-dia da maior parte da população moçambicana. Segundo uma magistrada do Distrito de Milange, Província da Zambézia, algumas pessoas encontradas com órgãos humanos, revelaram que os mesmos são usados para actos mágicos que, alegadamente, os tornariam ricos (MAGODE, 2014, p.68).

Deixando a questão cirúrgica, internacionalmente conhecida como impulsionadora para essa prática, o tráfico de órgãos humanos, mais especificamente, de pessoas albinas e calvas, tem sido um fenómeno associado à finalidades múltiplas, mormente, a prática do obscurantismo. Uma funcionária dos Serviços Distritais de Saúde e Ação Social do Distrito de Morumbene, considerou que, por razões culturais, as pessoas associam o sucesso económico com o seu tratamento, pelos curandeiros, usando-se órgãos humanos. Aliás, no mesmo entendimento, o Secretário Permanente do mesmo Distrito, observou que as pessoas praticam esses actos porque são motivadas pelo dinheiro, em alguns casos, diz-se que os órgãos extraídos têm como principal finalidade o seu uso em questões de natureza supersticiosa para obtenção de dinheiro (MAGODE, 2014, p. 69).

O ser humano, desde os tempos idos, é eminentemente, um ser religioso pois, carrega consigo uma semente da divindade. E, a religião, constitui o acto de confiança na divindade a quem se presume possuir poderes superiores para dar resposta à situações que um ser humano se sente incapaz e impotente. É nesta confiança e abandono nas forças sobrenaturais que o homem africano manifesta a sua fé sobre diversas divindades (politeísmo), o que faz com que, entre os africanos não tenham religião única mas sim, diversas. Por isso se designam por religiões tradicionais africanas. Aliás, cada família africana, tem como causa de início da sua religiosidade o antepassado comum da sua tribo, a quem se outorga a responsabilidade de protecção e interacção dos membros da família. Daqui, inicia a crença em forças superiores.



Artigo Científico

Falar da religião significa ainda, falar da relação entre o homem e uma divindade. Diante da divindade o ser humano se abandona de modo incondicional porque crê que a sua vida é movida por ela e tudo o que a ela se refere é digna de crédito e de fé.

Normalmente, a extracção de órgãos humanos seja por via legal como ilegal, tem sido para efeitos terapêuticos, isto é, os órgãos humanos têm sido usados para casos de algum doente necessite de transplante de órgão de uma outra pessoa que possa doar para a vida do outrem. Todavia, no contexto do presente artigo, a extracção de órgãos humanos, de albinos e calvos, não tem finalidades cirúrgicas, mas se destina à prática de “rituais de feitiçaria ou magia”. É por essa razão que, nos últimos anos, relatos de roubo de órgãos genitais têm sido frequentes na África Central e Ocidental. Diz-se que os órgãos genitais masculinos roubados são vendidos aos médicos tradicionais para uso em cerimónias (LOMBARD, 2013 apud, MARIANO, 2016).

Durante a elaboração deste artigo, constatou-se que, as crenças nos poderes ocultos (magia e feitiçaria³), constituem a alavanca para o tráfico humano e consequente extracção de órgãos e/ou partes do corpo de albinos e calvos. Foi por isso que Franze (2017), considerou que o tráfico de órgãos humanos de pessoas albinas em particular em Moçambique e no geral em África, está relacionada com as práticas “mágico-religiosas”.

Se a religião demanda de seus fiéis a obediência aos dogmas, esse tipo de religião inculca nos seus seguidores a prática de actos mágicos e supersticiosos, e os que nela se encontram inseridos poderão achar que constituem verdades para o seu bem-estar, sua purificação e libertação dos problemas que lhes afectam. Aliás, hoje a religião tem sido considerada fonte de rendimento tanto por aqueles que anunciam um deus de prosperidade, de utilitarismo e de riqueza, assim como fonte de cura física e de resolução dos problemas económicos.

O estudo realizado por Samuel Oakford diz que,

“Em países africanos como Tanzânia e Burundi, existem casos de albinos sendo mortos nos anos recentes pois seus corpos seriam usados em poções e rituais, e forneceriam sucesso e saúde para o usuário. Numerosos incidentes têm sido reportados no século XXI. Por exemplo, na Tanzânia, em Setembro de 2009, três homens foram acusados de matarem garoto albino de 14 anos e cortarem suas pernas com o propósito de venderem para feiticeiros. Novamente, na Tanzânia e Burundi em 2010, o assassinato, desmembramento e rapto de uma criança albina foi denunciada para a corte. A NationalGeograph, estima que na Tanzânia, o corpo de uma pessoa com albinismo custe 75 mil dólares” (OAKFORD, 2014, ONLINE).

Moçambique é um corredor onde entram e saem cidadãos de outras nacionalidades e de países fronteiriços, o que, muitas vezes transmitem suas crenças e culturas. Daí que percebemos a existência de crenças comuns, como a crença de que as partes do corpo de albinos facilitam o respeito e o medo pelo outro, eliminando mortalmente os “inimigos” que lhe perseguem com suas superstições e feitiçarias, purifica o corpo, exercem um poder mágico para enriquecimento rápido, ajuda na ascensão em cargos públicos e profissionais, na política, dá sucessos nos negócios e fazem com que todos o respeitem e honrem.

Mariano (2016) apud Franze (2017, Online), diz que há crenças nos africanos da África Austral de que as partes do corpo de albinos têm um “poder invisível” (alimentado na crença local de os albinos são imortais, apenas desaparecem transformando-se em outros seres vivos. São também considerados como símbolos de azar para as suas famílias e, na sequência desse simbolismo, as próprias famílias têm contribuído para a sua discriminação e mortes); por exemplo, os dedos das mãos representam a posse; e os órgãos genitais representam a fertilidade (COMAROFF e COMAROFF, 1991). Igualmente, há uma crença de que as partes do corpo de pessoas albinas podem tratar casos de natureza espiritual.

³Em Brasil, bruxaria.



Artigo Científico

Ainda Mariano (2016), realça que, na África do Sul, órgãos geralmente de bebés e jovens são usados para fins mágicos relacionados com a fertilidade, êxito nos negócios e sorte no amor. De preferência, os órgãos deviam pertencer a crianças com menos de 12 anos de idade e ser retirados quando o corpo estivesse ainda quente.

Na África do Sul existem muitos relatos sobre assassinatos de seres humanos para serem retirados seus órgãos ou outras partes para a preparação de certos tipos de medicamentos tradicionais. Tais medicamentos, designados por muti, são substâncias fabricadas por certos especialistas, pessoas detentoras de certo conhecimento oculto para fins positivos de cura, envolvendo purificação, fortalecimento ou proteção de pessoas de forças malignas, ou podem servir para os propósitos negativos da feitiçaria, o que atrai má sorte, doença e morte a outros, ou ainda, enriquecimento ilícito e poder ao feiticeiro (ASHFORH, 2008 apud MARIANO, 2016).

Portanto, a existência dessas crenças no nosso meio, são influenciadas pela globalização e a relação com os povos dos países onde essas práticas tiveram início, como Tanzânia e Malawi (NOTÍCIAS, 2015, ONLINE; FELLOWS, 2009; MARIANO, 2016; MELLO, 2013; GASOLINA, 2015, ONLINE). Os motivos de incidência nesses países vizinhos de Moçambique podem estar associados à predominância da população albina e da crença de que as partes do corpo da pessoa albina são portadoras de um “poder invisível”. Podemos reafirmar com Franze (2017, Online) que, o contexto de valorização e incentivo dessas práticas por curandeiros, tidos como aqueles que têm olhar penetrante e o domínio das forças ocultas, é uma das causas de ocorrência dessa conduta declarada em leis como “crime hediondo”.

O ser humano movido por essas crenças e desejando ver colmatado tantos problemas que o preocupam, não pára para reflectir o lado positivo e a moralidade das crenças que lhe são propostas. Mas será que os curandeiros conseguem fornecer uma explicação razoável da divindade que dá tais poderes, visto que são eles que asseguram às pessoas, de possuírem conhecimentos para fazer enriquecer alguém através da preparação de medicamentos com partes do corpo humano? É em razão dessas crenças disseminadas pelos curandeiros que Mariano (2016) frisou que foram relatados casos de assassinato, ritual, desaparecimento de crianças, movimentos transfronteiriços ilegais não controlados, tráfico de seres humanos e o respectivo contrabando. No Sul de Moçambique, o Parque de Limpopo se estende em vastas matas de florestas que representam a localização ideal para movimentos secretos e clandestinos destas redes criminosas.

Meneses (2008, p.170), ao sublinhar as mudanças sociais atravessadas por Moçambique desde a independência nacional, diz que, hoje, as realidades mudaram, assim como se modificaram os pesadelos da sociedade; no entanto, o pesadelo da feitiçaria persiste. A título de exemplo, “na década de 1990, na África do Sul, os meios de comunicação social, divulgaram vários casos de extração de órgãos do corpo humano, que foram levados até ao Tribunal. Esses órgãos, geralmente, de bebés e jovens eram usados para fins mágicos relacionados com a fertilidade, êxito nos negócios e sorte no amor. De preferência, os órgãos deviam pertencer a crianças com menos de 12 anos de idade e ser retirados quando o corpo estivesse ainda quente.

Concluindo, pode-se afirmar que, essas práticas fazem compreender que a feitiçaria, a magia e a crença nas religiões satânicas, constituem o vector mobilizador para o tráfico de seres humanos e consequente extração de órgãos ou qualquer parte humana de albinos e/ou de pessoas calvas em Moçambique.

Considerações finais

A questão do tráfico de seres humanos com problemas de pigmentação da pele e/ou calvas, segue a história da humanidade, fundamentalmente, na sua dimensão cultural, económica e mágico-religiosa. Razão pela qual foi pertinente fazer o estudo tendo em conta a historicidade da pessoa humana à nível local e global.



Artigo Científico

Como foi referido acima, com o decorrer da história, a percepção que se teve de uma pessoa albina e de uma pessoa calva, sofreu contornos segundo as influências que se têm no momento. Por exemplo, culturalmente, no passado o albino era alguém que trazia má sorte e azar. Hoje, ter um albino por perto, constitui uma ocasião de rendimento económico e alcance de uma posição social respeitável porque, através dos seus órgãos, os praticantes acreditam melhorar as suas vidas. O mesmo se pode dizer do homem portador de calvície, embora este sempre seja considerado por ser sábio ou rico em mercúrio. Passou de um homem a quem se deve aproximar para receber conselhos e dirigir com sabedoria para um ser humano apetecível para se alcançar riqueza com a sua decapitação.

Para além dos problemas culturais e económicos, importa sublinhar a dimensão mágico-religiosa que pode ser considerado como o âmago para o aparecimento deste fenómeno de tráfico humano. Pois, a dimensão mágico-religiosa, inculca nos seus praticantes a ideia e a crença de que o uso de remédios e amuletos preparados com partes de pessoas albinas e/ou com calvície podem resultar em riqueza, promoção social, proteção contra as forças contrárias, etc. Deste modo, vê-se também uma mudança radical nos propósitos para as quais tem sido extraído órgãos humanos, a nível global. Quer dizer, enquanto, mundialmente conhece-se a questão cirúrgica como o escopo do tráfico de órgãos, em Moçambique e em alguns países africanos e não africanos, o tráfico de órgãos humanos é associado à magia negra e à superstição.

De realçar que o tráfico de órgãos humanos não se verifica apenas em África, estende-se, igualmente, a outras regiões do Planeta (Ásia, América do Sul, Europa) no âmbito de uma “economia global de partes do corpo humano”.

Como se disse nos parágrafos anteriores, sobre esta matéria de tráfico humano ou suas partes, do mesmo modo que os Comaroff (1999), Geschiere (2006, p. 224) menciona práticas de feitiçaria estudadas por Favret-Saada (1977), na França, e por Taussig (1987), na Colômbia. Importa realçar que, os factores que contribuem para estes fenómenos não são apenas a pobreza ou a privação material mas, fundamentalmente, a percepção de que grandes riquezas são possuídas apenas por um pequeno grupo de pessoas que, em pouco tempo, são capazes de erguer obras e outras construções de grande qualidade, comprar viaturas de luxo, frequentemente associado à utilização de mecanismos misteriosos ou mágicos para colmatar o desespero resultante da exclusão social.

Bibliografia

Bernault. F., “Body, Power and Sacrifice in Equatorial Africa”. *The Journal of African History*. Vol. 47 (2): 2017 – 239, 2006.

Bérnard da Costa, A., Famílias na Periferia de Maputo: Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social. Dissertação de Doutoramento em Estudos Africanos. Lisboa: ISCTE-IUL, 2002.

Comaroff, J e J. Comaroff., “Occult Economies and the Violence of Abstraction: Notes from the South African Postcolony”, *American Ethnologist*, 26 (2), 1999.

Harris, M., Cannibali e Re. Leorigini delle culture. UniversaleEconomicaFeltrinelli, 1977.

Fellows, S., Tráfico de partes de corpo em Moçambique e na África do Sul. Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, 2009.



Artigo Científico

Magode, J., Tráfico de pessoas em Moçambique, em particular, de crianças . ISRI, Maputo, 2014.

Mariano, E., Estudo sobre Tráfico de órgãos e partes do corpo humano na região Sul de Moçambique. Maputo, 2016.

_____. „Understanding experiences of reproductive inability in various medical systems in Southern Mozambique, PdD, dissertação, KUleuven, Bélgica, 2014.

Meneses, P., “Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo”. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80 p. 161-194, 2008.

Moniruzzaman, M. (2012). “Living Cadavers” in Bangladesh: Bioviolence in the Human Organ Bazaar. Medical Anthropology Quarterly 26 (1): 69-91.

Monteiro, C; Osório, C., Tráfico de Mulheres e crianças. Maputo: WLSA Moçambique, 2009.

Oxford, S., “Na Tanzânia estão caçando albinos para vender a pele a USD 75 mil”, ONLINE, 2014. Acessado a 12 de Outubro de 2018.

SANTAC, “Trafficking in Body Parts in the Great Limpopo Trans-frontier Park”, 2013.

Santos, A; Roffarelo, L. M. e Manuel, L., Perspectivas económicas na África – Moçambique, 2015. Acessado no dia 14 de Novembro de 2019 <http://www.africaneconomicoutlook.org/po/notas-paises/southern-africa/mocambique>.

Save The Children., The Internal Trafficking and Exploitation of Women and Children in Mozambique. Save The Children Mozambique, 2009.

Schepers-Huges, N., “The Global Traffic in Human Organs”. Current Anthropology. Vol. 41 (2): 191-224, 2000.

White, L., “The Traffic in Heads: Bodies, Borders and the Articulation of Regional Histories”. Journal of Southern African Studies vol. 23 (2): 325-338, 1997.

Yea, S., “Trafficking in part (s): The commercial kidney market in a Manila slum, Philippines. Global Social Policy 10 (3): 358-376, 2010.